

Índios têm universidade em Goiânia

A primeira experiência de universidade indígena na América Latina reúne 12 índios em Goiás

ROSANA BOND

BRASÍLIA — Um grupo de 12 índios vindos de oito tribos diferentes está estudando Direito e Biologia na Universidade Católica de Goiás, em Goiânia, na primeira experiência de universidade indígena na América Latina. O curso de Biologia, em nível de extensão universitária, tem uma característica incomum: ao mesmo tempo em que aprendem, os alunos índios estão ensinando aos professores sua bagagem milenar de zoologia e botânica. "São coisas que demorariamos anos para saber", reconheceu Afonso Fialho, professor de piscicultura e ictiologia.

A Universidade Indígena começou a funcionar em abril, por um convênio entre a Católica e a União das Nações Indígenas (UNI). Não houve vestibular porque, segundo a UNI, os in-

dios estudantes estarão voltados estritamente para suas comunidades e não irão entrar no mercado comum de trabalho.

Os alunos foram selecionados pelas próprias tribos. Na nação ticuna, onde todos os 120 professores primários se apresentaram como candidatos, foi realizado um insólito "vestibular": os pretendentes foram sabatinados pelos caciques durante vários dias. Venceram Bruno e Gildo, que, como seus colegas da Universidade Indígena, "parecem ter a responsabilidade de carregar nas costas o seu povo inteiro", afirmou o professor Francisco Leonardo Tejerina Garro.

Na sala de aula, misturados aos estudantes brancos, eles ainda não se sentem completamente à vontade. O xavante Marcos, que usava o corte de cabelo típico de sua tribo — "tijelinha" na frente e comprido atrás — resolveu apará-lo na semana passada depois de ouvir um comentário no corredor: "Parece uma mulher".

O professor de Introdução ao Direito, Nelsi Silvério de

Oliveira, está entusiasmado com a Universidade Indígena. "Para mim está sendo uma experiência nova e muito válida; tento prepará-los para não caírem nas 'espertezas' dos brancos", disse ele.

A idéia da Universidade Indígena surgiu há cinco anos quando o coordenador da UNI, Ailton Krenak, percebeu que muitos pais estavam preocupados. Em várias aldeias onde passou, ele ouviu pais dizendo que não queriam que seus filhos estudassem porque quando voltavam não eram mais índios. Dessa forma, relatou Krenak, tornou-se necessário "buscar outro tipo de formação".

Em contraposição às escolas brancas, "que trabalham com o propósito de integrar os meninos a uma massa nacional", a UNI procurou um ensino comprometido com a cultura e a mágica do pensamento indígena: "Se desvincularmos a educação do pensamento mágico, teremos técnicos, gente que aperta botão, dispara manivela, mas não criadores, reinventores", observou Krenak.



Índios fazem pesca de arrastão: na universidade, eles aprendem e ensinam os brancos

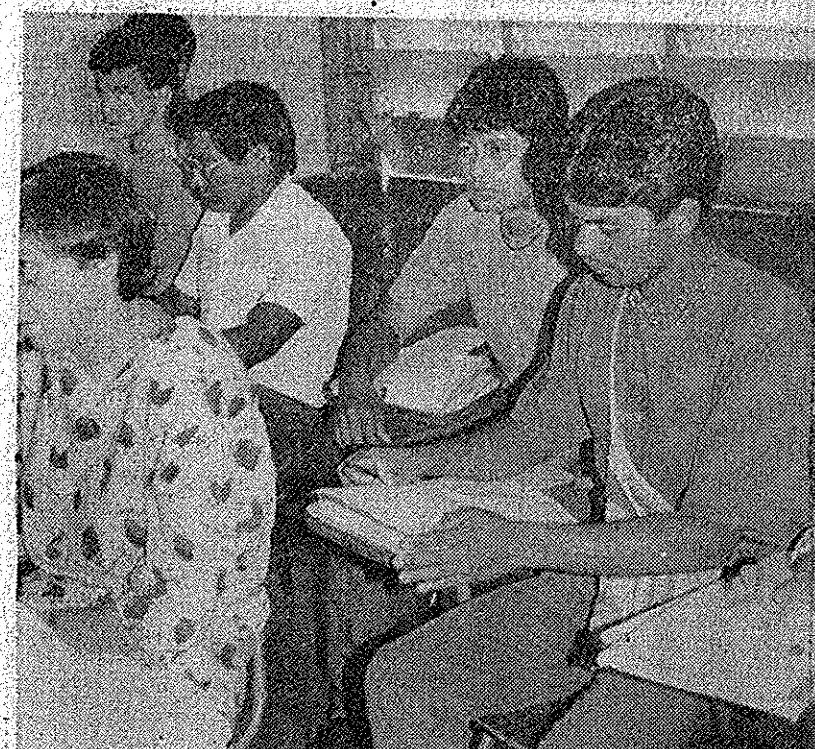
UNI cria Centro de Pesquisas Indígenas

Há menos de um mês, com o auxílio financeiro de várias entidades, entre elas a Fundação Ford, a União das Nações Indígenas (UNI) comprou por NCz\$ 100 mil uma chácara de 15 hectares, a 12 quilômetros de Goiânia, para realizar um velho sonho: o Centro de Pesquisas Indígenas. O Centro, que faz parte do projeto da Universidade Indígena, servirá para alojar os estudantes índios, formar líderes, sediar um escritório central de todas as tribos do País e fabricar granola, doces pastosos, geleias, passas, licores, sucos, sabões e rações balanceadas a partir de frutas silvestres, abundantes nas aldeias.

Lá serão construídas cinco cabanas, no estilo xavante, para moradia dos estudantes; refeitório, cozinha e uma biblioteca. A função mais importante do Centro, de acordo com o assessor-técnico Edson Nishi, será a

de campo experimental. Lá, por exemplo, serão criados animais silvestres soltos e em cativeiro, haverá tanques para piscicultura e crustáceos (camarão de água doce), lavouras e criação de animais domésticos e desenvolvimento de tecnologia apropriada para beneficiamento de frutas silvestres.

Os 12 alunos da Universidade Indígena já estão morando na chácara, num galpão improvisado como alojamento. E estão enfrentando uma rotina estafante: acordam às 4h30 para ir à faculdade no centro de Goiânia; limpam o terreiro e o galpão; ajudam a fazer as refeições; e estudam em grupo. As tardes têm sido ocupadas com a escavação de tanques para o projeto de piscicultura — neles, vão ser produzidos alevinos de tambaqui, curimatã, pacu, piaui e matrinhã para repovoar os rios de suas tribos.



Aula de Direito: curso adaptado à cultura indígena